

Os meninos são a cura do machismo: como educar crianças para que vivam uma masculinidade da qual nos orgulhemos

Nana Queiroz

Formando futuros: a educação dos meninos como antídoto ao machismo

Grazielle Barbosa Valença Vilar

Centro Universitário Senac
<grazielle.bvilar@sp.senac.br>

Jorge Miklos

Universidade Paulista- UNIP

Enquanto o livro *Os meninos são a cura do machismo* de Nana Queiroz tomava forma e foi lançado, o mundo enfrentava uma realidade complexa e desafiadora. A pandemia de Covid-19 assolava a humanidade, marcando-se como um verdadeiro desastre multidimensional. Nesse contexto marcante, a justificativa e a relevância da obra da autora se tornam evidentes, destacando-se treze elementos fundamentais em sua abordagem inspiradora diante da realidade complexa e desafiadora da época. Primeiro, Nana Queiroz explora as raízes profundas do machismo, evidenciando sua presença cultural, política e interpessoal. Seu livro, inspirado pelo nascimento do filho Jorge, propõe a educação feminista como cura, vendo equidade de gênero como vacina contra o patriarcado. Enfatiza criar meninos livres da masculinidade tóxica, responsabilidade de toda a sociedade. Deseja que Jorge compreenda que o cromossomo Y não define sua identidade, aspirando à liberdade. O convite é refletir sobre educação, diálogo e amor, moldando um futuro inclusivo e respeitoso.

Em seguida, a autora ressalta no segundo capítulo intitulado “Os homens não são o vírus, são o hospedeiro” a complexidade da masculinidade e do machismo. Defende não associar automaticamente a masculinidade ao patriarcado, reconhecendo homens como vítimas e cúmplices simultaneamente. Propõe tratar o machismo como doença social, enfocando prevenção e educação feminista. Evidencia a origem da violência no medo, dor e vergonha, propondo inteligência emocional como ferramenta. Conclui que o problema está na estrutura e cultura de dominação, encorajando uma abordagem estrutural.

No terceiro capítulo, “Por que feminismo para homens virou palavrão”, a autora retrata a resistência de algumas feministas em incluir homens nas discussões de gênero, ressaltando a falta de comunicação emocional entre os gêneros. Enfatiza os benefícios da inclusão masculina no feminismo, citando Brené Brown e Bell Hooks. Critica feministas privilegiadas que resistem à discussão, abordando o papel das mães na castração emocional de me-

ninos e a complexidade das dinâmicas de gênero. Argumenta que superar essa resistência é crucial para uma verdadeira cura social, propondo um *mea-culpa* coletivo para reconhecer a participação de todos na perpetuação do machismo. O capítulo instiga a reflexão sobre as complexidades das dinâmicas de gênero.

No quarto capítulo, “Por que os meninos não choram”, a autora evidencia a imposição de normas rígidas de masculinidade, levando à repressão emocional desde a infância. Ressalta impactos negativos, propondo ensino de inteligência emocional desde cedo. Entrevistas revelam descolamento emocional em muitos homens. Propõe reeducação para incentivar expressão emocional como política de saúde pública, prevenindo mortes prematuras e promovendo relacionamentos saudáveis. Chama à reflexão sobre estereótipos de masculinidade e seus impactos sociais.

No quinto capítulo, “Um cérebro de menino gente”, a autora frisa a partir do nascimento de Jorge, a pressão dos estereótipos de gênero na infância, evidenciando a imposição precoce de normas. Contrapondo, a neurociência desafia diferenças cerebrais fundamentais, enfatizando a maleabilidade desde a infância. Ela critica o treinamento de gênero limitador, defendendo oportunidades amplas de desenvolvimento independentemente do gênero. Ressalta a influência social na formação infantil e conclui pela necessidade de repensar as normas de gênero na criação de meninos para promover desenvolvimento saudável e igualitário.

No sexto capítulo, “Breve história do patriarcado, do sexo, de Deus e do capitalismo”, a autora critica a visão tradicional da evolução das noções de masculinidade e feminilidade, destacando como a sociedade patriarcal manipulou ciência, história e religião para subjugar as mulheres. Ela argumenta que as ideias de gênero são construções humanas, não inatas, citando o Neolítico e a influência negativa da religião judaico-cristã. O texto enfatiza o uso da religião para reforçar normas de gênero prejudiciais, oferecendo uma perspectiva provocativa sobre a evolução dessas normas e propondo a possibilidade de uma sociedade mais igualitária.

No sétimo capítulo, “Liberdade para fazer não é liberdade para ser”, a autora acentua a construção da masculinidade e as expectativas sociais associadas aos homens, usando sua relação com João como exemplo. Explora como os estereótipos rígidos limitam os homens, ensinando a repressão de emoções e comportamentos tradicionalmente “masculinos”. A narrativa enfatiza a importância de criar crianças com liberdade autêntica, independentemente do gênero. Entrevistas com seiscentos homens revelam desejos reprimidos de expressar emoções fora dos estereótipos. O texto reforça a necessidade de repensar e desafiar normas de gênero prejudiciais, promovendo uma criação que permita a autenticidade, sendo uma reflexão sobre identidade de gênero e um apelo à compaixão e abertura para a expressão genuína de todos.

No oitavo capítulo, “Quem ganha com a masculinidade tóxica?”, a autora aponta a influência da masculinidade tóxica em brinquedos, questionando a promoção de violência. Aborda estatísticas alarmantes de homicídios e suicídios masculinos. Argumenta que treinar crianças para padrões rígidos beneficia interesses sociais e políticos. Defende repensar normas de gênero, permitindo escolha livre de brinquedos. Relata a escolha do filho por

uma boneca, defendendo liberdade de expressão. Conclui enfatizando a importância de deixar as crianças serem autênticas, independentemente das expectativas de gênero, promovendo compreensão às identidades.

No nono capítulo, “Abuso sexual entre... crianças?!”, a autora compartilha experiência traumática de abuso sexual na infância, explorando a complexidade desse abuso entre menores. Destaca a frequência, diferencia da curiosidade natural e discute os impactos emocionais. Aborda a influência da exposição precoce à pornografia, enfatizando a necessidade de educação sexual. Compartilha jornada de aceitação como vítima, destacando compreensão dos perpetradores como vítimas. Conclui enfatizando a importância da intervenção familiar e profissional, com destaque para educação sobre consentimento e limites desde a infância. Narrativa poderosa, inclui guia do Instituto Stop It Now! para prevenir abuso sexual infantil, visando evitar histórias trágicas como a da autora.

No décimo capítulo, “Sexo como máscara do vazio afetivo”, a autora retrata a evolução da sexualidade masculina desde o século XVII, com destaque para Michel Foucault e a relação entre restrições sexuais e a revolução industrial. Explora a moral sexual, a busca masculina por prazer e a proibição do sexo como escape. Discute masculinidade tóxica, repressão sexual, confusão entre amizade e desejo, busca desesperada por sexo e uso de drogas. Conclui destacando a necessidade de uma sexualidade libertadora, conectiva, com ênfase na educação sexual para construir uma cultura de respeito, compreensão, incluindo inteligência emocional e consentimento.

No décimo primeiro capítulo, “O tirano e o patriarca bondoso”, a autora explana a importância da figura paterna, incentivando a redefinição do papel dos pais. Critica a imagem do “pai invulnerável”, promovendo a expressão de amor e emoções. Observa mudanças nas atitudes parentais, ressaltando participação de pais mais jovens. Enfatiza a contribuição dos pais tradicionais para estereótipos de gênero, defendendo a quebra de padrões rígidos para permitir a expressão de vulnerabilidade. Destaca a necessidade de uma paternidade envolvente, valorizando tempo e afeto, redefinindo a masculinidade e promovendo o abraço como expressão de amor.

No décimo segundo capítulo, “O bom exemplo e a testemunha consciente”, a autora relembra sobre criar seus filhos, destacando a importância dos exemplos dos pais na formação das crianças. Uma experiência pessoal sublinha lições de perdão e responsabilidade. Aborda como os filhos absorvem comportamentos dos pais, influenciando valores e atitudes. Aponta a busca pelo empoderamento materno e desafia normas de gênero, incentivando uma masculinidade positiva. Saliencia a importância dos pais como modelos e “testemunhas conscientes”, abordando questões como masculinidade tóxica. O capítulo oferece reflexões profundas sobre educação, influência parental e a construção de uma sociedade mais igualitária.

O último capítulo, “Toma que o filho é nosso”, a autora é um relato sobre a maternidade ao compartilhar episódio com filho, Jorge, confrontando princípios de criar masculinidade sem violência. Questiona capacidade de moldar filho, responsabilidade dos pais e destaca importância de abordagem não dogmática na criação. Reconhece a influência do mundo, enfatiza responsabilidade compartilhada pela sociedade na construção de masculinidade

saudável. Mensagem central: liberdade na educação, promovendo pensamento independente, singularidade, com reconhecimento de responsabilidade compartilhada.

Nessas linhas argumentativas, a autora concentra-se principalmente em questões relacionadas à maternidade, educação feminista e construção de uma masculinidade saudável. Esses temas são fundamentais para a construção de uma sociedade mais igualitária e sustentável, eles vão de encontro com as estratégias nacionais e globais de enfrentamento à Agenda 2030 da ONU (Organização das Nações Unidas). A Agenda 2030 é um plano de ação global adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2015, que estabelece 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Cada ODS visa abordar desafios globais, como erradicação da pobreza, igualdade de gênero, ação climática, educação de qualidade, entre outros. Os países comprometeram-se a implementar a Agenda 2030 e relatar periodicamente seu progresso. Embora a autora não tenha feito referências explícitas a esses ODS, sua abordagem da maternidade, educação e construção de masculinidades saudáveis pode ser vista como uma contribuição para o alcance de várias metas e princípios desses objetivos globais de desenvolvimento sustentável. As ODS que poderiam ser associados a esses temas: Igualdade de Gênero (**ODS 5**), Educação de Qualidade (**ODS 4**), Paz, Justiça e Instituições Eficazes (**ODS 16**), Saúde e Bem-Estar (**ODS 3**) e Redução das Desigualdades (**ODS 10**). A abordagem holística da autora contribui para alcançar várias metas e princípios desses objetivos globais de desenvolvimento sustentável, promovendo uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável.

Data do recebimento: 30/10/2023
Data do aceite: 15/02/2024

Dados dos autores:

Grazielle Barbosa Valença Vilar

Doutoranda em Comunicação – Masculinidade/Imaginário (UNIP/SP) – Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática – Linha de Pesquisa: Configurações de Linguagens e Produtos Audiovisuais na Cultura Midiática, com Bolsa PROSUP/CAPES (BRASIL) – Código de Financiamento 001. Mestre em Psicologia, Bacharel e Licenciatura em Psicologia. Licenciatura em Pedagogia e Especialista pelo CRP/SP em Psicologia Escolar/Educacional. Coordenadora e Docente tempo integral do Centro Universitário Senac – Santo Amaro – SP. E-mail: grazielle.bvilar@sp.senac.br e/ou graziellevalenca@gmail.com

Jorge Miklos

Historiador, sociólogo, psicólogo e psicoterapeuta na abordagem analítica integrativa. É mestre em Ciências da Religião e doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Comunicação Comunitária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha na interface entre Psicanálise, Religião e Cultura. Suas reflexões abordam o vínculo social, o mito, a literatura, a produção audiovisual, a cibercultura, os conflitos, a política e as questões contemporâneas como gênero, masculinidades, religião, vida digital e diversidade. Membro Associado do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) e habitante da OCA JUNGUIANA (Outras Conversas Afiadas), um coletivo formado por vozes de pesquisadores, analistas, psicoterapeutas, arte-terapeutas e interessados nos estudos da Psicologia Analítica de C. G. Jung e dos autores pós-junguianos. Atua como Professor e Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista. Autor dos livros: *Ciber-Religião: a construção de*

vínculos religiosos na cibercultura (Ideias e Letras-2012); Cultura e Desenvolvimento Local: Ética e Comunicação Comunitária (Saraiva-2015); Mediação de Conflitos (Expressa, 2020); Veredas do Sagrado: interfaces entre Imaginário, Ecologia e Religião (Humanitas - 2021). Atualmente desenvolve uma pesquisa financiada pela CAPES e pela Universidade Paulista - UNIP com o título: *Masculinidades na mediosfera: contribuições da mídia para a constituição das identidades dos homens no imaginário social*